

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE SER IDOSO: A ZONA MUDA DAS

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Jefferson Luiz de Cerqueira Castro²⁶

Mateus Egilson da Silva Alves²⁷

Gutemberg de Sousa Lima Filho²⁸

Jéssica Gomes de Alcântara²⁹

Ludgleydson Fernandes de Araújo³⁰

Resumo

Objetivou-se identificar e comparar as Representações Sociais de ser idoso e de como as pessoas os veem a partir da visão de idosos participantes de grupos de convivência (grupo 1) e idosos não-participantes (grupo 2). Participaram da pesquisa 60 gerontes pareados por sexo. Utilizou-se um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada, com os dados das entrevistas processados pelo *software* IRaMuTeQ. Verificou-se que o(a)s partícipes idosos compartilharam aspectos mais positivos sobre ser idoso, mesmo que houvesse pequenas diferenças entre os grupos. Todavia, ao representarem o idoso como a sociedade os enxerga emergiram conteúdos

²⁵ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Departamento de Pós-graduação em Psicologia (Stricto Sensu); E-mail: jefferson.psico.ufpi@outlook.com; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7990-7611>

²⁶ Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Departamento de Pós-graduação em Psicologia (Stricto Sensu); E-mail: mateusegalves@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5759-8443>

²⁷ Graduando de Psicologia na Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr); E-mail: gutoslf11@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0053-4494>

²⁸ Graduanda de Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr); E-mail: jessalcantaraa96@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0280-9332>

²⁹ Doutor em Psicologia pela Universidad de Granada (Espanha); Professor e orientador do Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr); ludgleydson@yahoo.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4486-7565>

negativos para ambos. Portanto, conclui-se que a imagem construída pela sociedade sobre ser idoso ainda exerce grande peso sobre as representações construídas por idosos.

Palavras-chave: Representações Sociais; Zona Muda; Idoso

Introdução

Ao longo de seu processo histórico a sociedade passou e passa por diferentes transformações dos fenômenos que formam sua estrutura, dentre eles o fenômeno demográfico. Nesse sentido, as mudanças socioeconômicas no mundo levaram a sociedade, antes demarcada pelo grande número de jovens e adultos, a passar por uma transição demográfica descrita pelo crescente número de idosos.

Este fenômeno não foi muito diferente no Brasil, considerando que Coutrim (2006) ratifica que entre os anos de 1980 e 1991, o país sofre um intenso processo de desaceleração do crescimento populacional, ao passo que neste mesmo período a população com mais de 65 anos teve um ganho médio por ano de 210.492 pessoas. Este projeto de aumento da população idosa mantém-se atualmente, tendo em vista que, de acordo com dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia – IBGE, em 2019 a população idosa do Brasil demarcava um número superior a 32 milhões de pessoas, representando mais de 15% da população geral brasileira estimada em mais de 210 milhões (IBGE, 2019).

Não obstante, as transformações das pirâmides etárias podem decorrer de diversos elementos, como a diminuição das taxas de fecundidade e de mortalidade, o aumento da expectativa de vida ao envelhecer, melhoria dos serviços de saúde, o avanço de tecnologias em geral, entre outros. Nesse aspecto, a mudança destes fatores e os dados do IBGE certificam que o Brasil atravessa uma transição demográfica caracterizada pelo delineamento de um perfil de país envelhecido, pois conforme indicam Dawalibi, Goulart e Prearo (2014), um país é considerado estruturalmente envelhecido quando 7% de sua população é idosa.

Não obstante, as modificações nas pirâmides etárias atingem diferentes espaços das políticas públicas, à medida que ocorre o surgimento de novas questões a serem tratadas em diferentes áreas, como da saúde, da educação ou trabalho. Para tanto, consoante Coutrim (2006), ao se tratar a temática do envelhecimento populacional, é importante que se compreenda o processo de envelhecimento, a velhice e a imagem deste idoso dentro da sociedade.

Embora o envelhecimento ocorra durante toda a vida do sujeito, muitas vezes este processo é concebido a partir de uma perspectiva somente biológica e alterações no organismo,

limitando-se às mudanças que acontecem no aspecto físico dos indivíduos (Amthauer & Falk, 2017). Ocorre, porém, que ainda que o envelhecimento tenha aspectos naturais e universais, ele é encarado de diferentes formas pelo sujeito, de acordo com o contexto sócio-histórico e cultural em que esteja inserido (Araújo & Carlos, 2018). Dentro desse contexto, a velhice é uma fase do desenvolvimento advinda do progresso da idade cronológica e da maturação do indivíduo, que caracteriza o idoso e se tipifica de acordo com as definições e significados que o sujeito idoso tem do movimento de envelhecer (Brito, Camargo & Castro, 2017).

Tendo isso em vista, a concepção de idoso decorre de uma complexa gama de fatores naturais e sociais sofrendo alterações com o passar das épocas. Atualmente, no Brasil, são considerados idosos aqueles acima de 60 anos e a percepção sobre estes, para Santos (2010), embora ainda mantenha algumas ideias antigas do que é ser idoso, a sociedade caminha sutilmente para a representação de novos estilos do sujeito que vive a velhice, o qual busca lazeres, sai para eventos, grupos, universidades, ao invés de ficar em casa, isolado ou excluído.

A construção das representações sociais (RS) requer um conjunto de elaborações de conceitos e imagens, conforme as práticas sociais, crenças e interpretações da realidade cotidiana, permitindo além da compreensão de mundo a partir dos elementos ideológicos e estruturais de um grupo, como também a inclinação a atitudes relativas aos diferentes âmbitos da vida. (Salgado et al., 2017). Ainda, Fernandes e Andrade (2016) destacam que as RS não são apenas sistematização de fatos, mas sim, a construção de saberes sociais que transformam algo incomum em familiar, através de ferramentas mentais que operacionalizam na própria existência moldando fenômenos já então consolidados.

Com isso, o sujeito é um produtor de significados, apresentando elaboração cognitiva e simbólica que desvenda a transformação do conhecimento em representação e por conseguinte de como a transformação da representação molda a esfera social (Morera, Padilha, Silva & Sapag, 2015). Para a ocorrência desse fenômeno, são descritos dois processos básicos: a objetivação e ancoragem. O primeiro transforma o abstrato em concreto com base na releitura e seleção de informações e esquemas, para que possa materializar, significar e simbolizar ideias e noções abstratas. Já o segundo tem como objetivo instrumentalizar, e tornar familiar, onde esse saber possa ser interpretado e comparado (Wachelke & Camargo, 2007).

Silva e Silva (2017) consideram a velhice um fenômeno determinado por fatores heterogêneos, uma vez que, ao longo da história o tratamento para com as pessoas idosas tem se apresentado de forma ambígua: do velho cujos anos de experiências lhe é concedida a posse da sabedoria em contrapartida a de um indivíduo cujo ciclo biológico lhe limita e lhe enquadra numa

condição de impotência perante o sistema. Por essa razão, Saraiva e Coutinho (2012) afirmam que essas construções não são a partir de um hiato social, mas sim, de experiências, convívio, compartilhamentos de vivências para que se possa ser construído uma visão popular sobre um determinado fenômeno.

Nesse sentido, objetivou-se identificar e comparar as representações sociais de ser idoso e de como as pessoas os veem entre gerontes participantes de grupos de convivência para idosos (GCI) e longevos não-participantes desses grupos.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória e descritiva, com corte transversal, e com amostra não-probabilística e por conveniência.

Participantes

Contou-se com 60 idosos, distribuídos de forma uniforme por sexo, com idades entre 61 e 88 anos e média de idade de 73,15 anos (DP = 6,84). Os participantes foram divididos de forma pareada em dois grupos: grupo 1, formado por participantes de GCI; e grupo 2 constituído por não-participantes destes grupos. Salienta-se que não foi verificada nenhuma recusa por parte dos atores sociais em participar da pesquisa. Vale citar que o critério pelo tamanho amostral se deve ao fato de que Camargo e Justo (2016) recomendam o mínimo de 20 entrevistas para cada grupo para o emprego da análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) – análise utilizada no estudo.

Instrumentos

Para a apreensão das RS foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, as quais apresentaram duas questões norteadoras: O que o(a) senhor(a) entende por ser um idoso? Como o(a) senhor(a) pensa que as outras pessoas veem o idoso? Ademais, utilizou-se questionários sociodemográficos, os quais apresentaram itens referentes a sexo, idade, estado civil, escolaridade, religião, etc., a fim caracterizar o perfil dos participantes.

Procedimentos

Inicialmente, esta pesquisa foi submetida para avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da universidade sede da pesquisa, obtendo autorização para sua execução por meio do

parecer 1.848.116, no qual foram obedecidos todos os critérios para pesquisas realizadas com seres humanos, de acordo com o disposto nas Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Posteriormente, os idosos e as idosas foram contatados para verificar a disponibilidade destes em participar de forma voluntária da pesquisa. Desse modo, foi estabelecido o local e horário para coleta de dados de mútuo acordo com os idosos. Por conseguinte, a pesquisa foi apresentada aos participantes, de modo que lhes foram garantidos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, lhes indicando que estas seriam analisadas no seu conjunto. Na ocasião, o(a)s participantes receberam dos aplicadores as devidas instruções para responder às questões e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após a assinatura do TCLE o(a)s participantes responderam ao questionário sociodemográfico, a fim de servir de quebra-gelo, e em seguida à entrevista semiestruturada, com intuito de apreender as RS. O tempo médio de aplicação foi de quarenta minutos para cada participante. Vale ressaltar que se adotou como critério a coleta no âmbito domiciliar a fim de promover um espaço de menos ansiedade durante a aplicação dos instrumentos, bem como resguardar a privacidade destes.

Análise dos dados

Os dados provenientes dos questionários sociodemográficos foram submetidos a estatísticas descritivas com auxílio do *software* IBM SPSS 25.0, a fim de traçar o perfil da amostra. Já os dados obtidos através das entrevistas semiestruturadas foram transcritos integralmente em um arquivo de texto; em seguida, construiu-se as linhas de comando com algumas variáveis sociodemográficas, sendo o conteúdo analisado pelo programa IRaMuTeQ 0.7 alpha 2, o qual realizou a análise textual das entrevistas, obtendo-se a CHD com as suas respectivas classes, de modo que os resultados foram construídos na forma de dendogramas.

Resultados

O grupo 1 foi formado por 30 idosos, entre 61 e 88 anos de idade e média de idade de 71,83 anos (DP = 6,25), pareados por sexo, com cerca de 8,03 anos de participação no grupo de convivência, em sua maioria católicos (96,67%), com renda de até 1 salário mínimo (56,77%) e baixa escolaridade (90%), sendo 50% com o ensino fundamental incompleto e 40% com nenhuma escolarização formal. Já o grupo 2 foi formado por 30 gerontes de 63 a 83 anos de idade, com média

de idade de 73,46 anos (DP = 7,25), distribuídos equitativamente por sexo, em sua maioria católicos (90%), com renda de 2 a 3 salários mínimos (76,67%) e média escolaridade (ensino médio completo – 20%).

Representações Sociais de Idoso

O corpus geral foi formado por 60 textos (entrevistas), divididos em 60 segmentos de texto (ST), com retenção de 47 STs (78,33%). Emergiram 965 ocorrências (palavras), sendo 283 palavras distintas, de modo que o conteúdo analisado foi categorizado em cinco classes (ver Figura 1). É importante salientar que o corpus principal se desmembrou em três ramificações, de modo que a primeira ramificação foi formada pela Classe 3 (A bênção de ser idoso), a qual apresentou em seu conteúdo representações sociais de ser idoso ancoradas na dimensão espiritual, de modo que o ser idoso é objetivado pela longevidade enquanto uma concessão divina.

Já a segunda ramificação, se subdivide da ramificação anterior e é constituída pela Classe 1 (O idoso e a finitude) e pela Classe 2 (O idoso e o tempo). Nesta ramificação constata-se uma das RS de ser idoso mais nítidas no universo consensual, que é o marcador temporal, ou seja, o tempo, objetivado pela idade cronológica, é enfatizado pelos respondentes como objeto concreto do ser idoso. Assim, ser idoso é concebido como o produto do processo cumulativo de anos (envelhecimento).

Na última ramificação, constituída pela Classe 5 (Idoso e a longevidade) e pela Classe 4 (Aspectos positivos em ser idoso), se evidencia a dimensão atitudinal da RS, de modo que representam ser idoso como um objeto social de cunho positivo, e em seu conteúdo apresenta concepções dos respondentes ressaltando aspectos positivos sobre ser idoso, dentre eles a longevidade e o respeito conquistado.

Para se obter uma melhor compreensão das classes, construiu-se um dendograma com as palavras de cada classe estabelecidas a partir das frequências em cada ST do teste qui-quadrado. Nele emergem as definidoras que compartilham vocabulário entre si e formas divergentes das outras classes. À posteriori serão descritas, operacionalizadas e ilustradas cada uma dessas classes expressas na Classificação Hierárquica Descendente (ver Figura 1). É importante mencionar que para a ilustração das classes por meio da apresentação das falas das entrevistas foram utilizados nomes fictícios, os quais retratam escritores brasileiros.

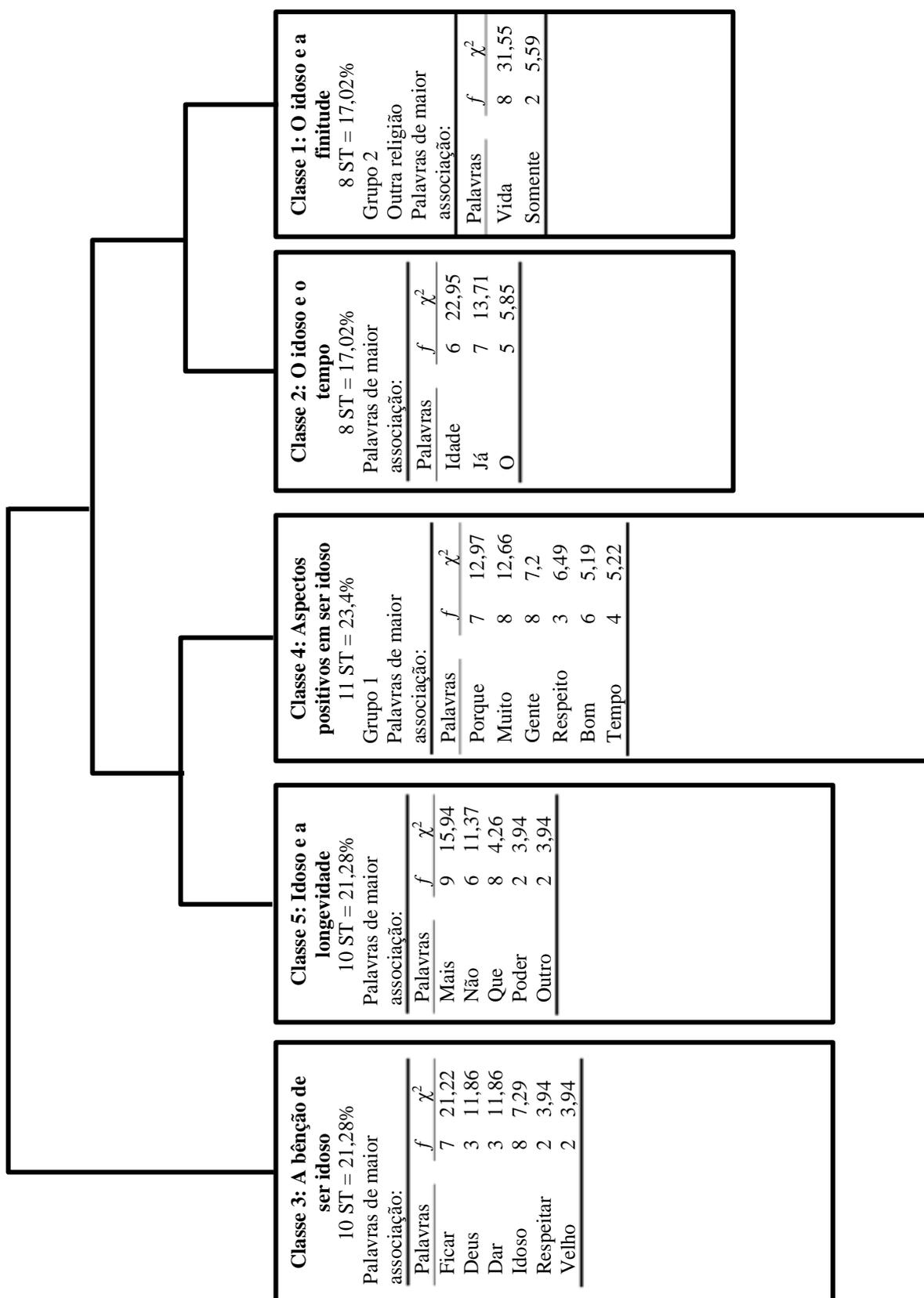


Figura 1. Dendrograma das RS de Ser Idoso para Idosos de GCI e Idosas Não-participantes de Grupos.

Classe 3: A bênção de ser idoso

A presente classe, formada por vocábulos como “ficar”, “Deus”, “dar”, “idoso”, “respeitar” e “velho”, apresentou uma retenção de 10 STs (21,28% do total de ST classificados), e χ^2 variando de 21,22 a 3,94. Convém destacar que o vocábulo “ficar” apresentou maior valores de qui-quadrado em relação às outras palavras retidas pela classe, o que denota que esta palavra apresenta uma maior força na classe.

Dessa forma, a palavra “ficar” apresenta o sentido de estado, ou seja, o indivíduo fica idoso ou velho por que Deus concedeu os anos vida, o que significa que para esses idosos ser idoso é uma graça divina. Além do mais, destaca-se o respeito, o que sugere que para esses idosos a figura do idoso é representada como uma pessoa respeitada. Para uma melhor compreensão da classe, apresentam-se as falas a seguir.

“É porque a gente tem fé em Deus e Ele nos dá os anos de vida, a pessoa merece ficar idosa porque Deus quer. Ser idoso é bom, porque muita gente respeita e quer bem” (Cecília Meireles, sexo feminino, 74 anos, viúva, católica, grupo 2). “É porque Deus deu a permissão para a pessoa viver mais, até ficar idosa” (Monteiro Lobato, sexo masculino, 77 anos, solteiro, católico, grupo 1). Vale ressaltar que não se observou nenhuma diferença significativa entre os dois grupos investigados, o que denota que possivelmente essa RS é comum aos idoso(a)s de ambos os grupos.

Classe 1: O idoso e a finitude

A Classe 1, reteve apenas 8 ST (17,02%), sendo uma das menores classes, tanto em relação ao número de ST quanto em relação ao número de vocábulos classificados, de maneira que somente dois termos foram significativos: “vida” e “somente”. Dentre estes, o termo “vida” foi o que apresentou maior destaque, possuindo um elevado qui-quadrado (31,55). Nesse aspecto, a referida classe apresenta em seu conteúdo RS de ser idoso relacionadas à finitude, por vezes confundindo-se com a velhice, ou seja, ser idoso é representado como uma etapa da vida, conforme pode se observar a partir do enxerto a seguir.

“Já estou no fim da vida, não sou mais a pessoa que era quando novo. Não tem mais para onde começar, somente cair, cair, do sujeito a qualquer hora morrer. Não tenho mais resistência” (Manoel Bandeira, sexo masculino, 83 anos, casado, católico, grupo 2).

Vale destacar que a presente classe se sobressaiu no grupo de idosos que não participam de grupos, o que sugere que para esses idosos que não estão inseridos em grupos de pares ser idoso é representado como apenas uma fase final da vida, o que se presume que para estes não há

outras possibilidades de existência enquanto sujeitos idosos. Além do mais, constatou-se que essa representação é mais forte para idosos de outras religiões, o que pode sugerir uma ancoragem em aspectos transcendentais sobre ser idoso.

Classe 2: O idoso e o tempo

A classe 2, a qual se encontra na mesma ramificação da classe supracitada, apresentou o mesmo número de ST retidos, sendo constituída pelos termos “idade”, “já” e “o”. Dentre os vocábulos classificados, “idade” foi o que apresentou maior destaque, possuindo elevado qui-quadrado (22,95) em relação aos demais termos da classe. Nesse sentido, para o(a)s idoso(a)s participantes do estudo ser idoso está ancorado na idade cronológica, sendo objetivado como produto do carrear do tempo. Destarte, os aspectos mencionados podem ser clarificados através dos seguintes discursos.

“É porque já passou o tempo e a gente está em uma idade avançada” (Guimarães Rosa, sexo masculino, 67 anos, casado, católico, grupo 1). “O idoso é uma pessoa de já idade avançada, que tem vontade de fazer muitas coisas, mas já não pode fazer” (Machado de Assis, sexo masculino, 72 anos, casado, evangélico, grupo 1).

Portanto, a partir das falas apresentadas, constata-se que a referida classe possui relação com a classe anterior (O idoso e a finitude), o que explica esta encontrar a mesma ramificação e compartilhar o mesmo campo representacional.

Classe 5: Idoso e a longevidade

A atual classe, a qual se encontra na mesma ramificação das classes 1 e 2, reteve 10 ST (21,28%) e classificou os termos “mais”, “não”, “que”, “poder”, e “outro”, sendo o primeiro termo o de maior força dentro da classe ($\chi^2 = 15,94$). A presente classe possui certa relação com as classes de sua mesma ramificação (classes 1 e 2), tendo em vista que em seu conteúdo apresenta uma RS de ser idoso ancorada na longevidade, ou seja, idoso é uma pessoa que vive mais, que já viveu muito. Com o intuito de possibilitar maior compreensão do conteúdo da classe citada, expõe-se as entrevistas adiante.

“O idoso é uma pessoa que os outros não consideram muito. A gente não pode mais andar só” (Cora Coralina, sexo feminino, 71 anos, viúva, católica, grupo 1). “Significa que está vivendo mais e ter mais conhecimento” (Mário de Andrade, sexo masculino, 63 anos, casado, católico, grupo 2).

Por outro lado, em decorrência dessa longevidade, observa-se uma objetivação nas limitações em ser idoso, ou seja, um processo de comparação com períodos anteriores em que demarca o que o idoso não consegue mais realizar.

Classe 4: Aspectos positivos em ser idoso

Esta classe, a qual se encontra na mesma ramificação da classe anterior (Idoso e a longevidade), foi a classe mais significativas do corpus, apresentando maior peso (retenção de 23,4% de ST), de maneira que as palavras “porque”, “muito”, “gente”, “respeito”, “bom”, e “tempo” foram classificadas.

O termo “porque” foi o mais significativo para a classe ($\chi^2 = 12,97$), seguido da palavra “muito” ($\chi^2 = 12,66$). É interessante notar que o termo “porque” se apresenta como uma justificativa do lado bom em ser idoso, enquanto o vocábulo “muito” assume um sentido de intensidade, o que reitera que para esses idosos é bom ser idoso por ter vivido muito, o que reforça a ideia de longevidade apresentada na classe 5, como pode se perceber através das seguintes entrevistas.

“É muito importante, porque a gente já viveu bastante e há de viver mais. Se eu passei por alguma coisa ruim, as boas foram mais, por isso sou feliz” (Castro Alves, sexo masculino, 80 anos, viúvo, católico, grupo 1). “Desde a infância até agora é bom ter vivido muito. A gente tem respeito, a gente tem história de vida, ensinamos os mais jovens” (Maria Firmina dos Reis, sexo feminino, 73 anos, casada, católica, grupo 1).

Conforme se constata nas falas supracitadas, percebe-se uma ancoragem na identificação enquanto ser idoso, objetivada através do termo “gente”, o que denota o sentido de eu, isto é, estes idoso(a)s provavelmente se percebem enquanto idosos e destacam a dimensão atitudinal da RS de ser idoso em uma polaridade positiva, atribuindo o termo “bom”, evidenciando o respeito adquirido com o tempo e com status de ser idoso. Convém destacar que estas RS de ser idoso foram mais significativas para os idosos do grupo 1, o que denota que dentre as RS construídas pelos dois grupos, os idosos de GCI auferem valores positivos a ser idoso e que representam ser geronte como uma pessoa respeitada.

RS de Idoso Atravessadas pelo Olhar de Não-idosos

O corpus geral foi formado por 60 textos (entrevistas), divididos em 60 segmentos de texto (ST), com retenção de 45 ST (75%). Emergiram 963 ocorrências (palavras), sendo 253 palavras

distintas, de maneira que o conteúdo analisado foi categorizado em quatro classes (ver Figura 2). É importante destacar que o corpus principal se dividiu em três ramificações, de modo que a primeira ramificação foi formada pela Classe 4 (Etarismo), a qual apresentou representações sociais de ser idoso a partir da introjeção de aspectos etaristas da sociedade, o que sugere que entre o(a)s idoso(a)s entrevistado(a)s, em face do preconceito vivido, acreditam que ser idoso é representado por não-idosos como uma pessoa no final da vida e que não é respeitada.

Já na segunda ramificação, a qual se ramifica da classe anterior (Etarismo), é constituída pela Classe 2 (Negação do ser idoso). Neste subcorpus se evidencia uma possível explicação do(a)s participantes para as atitudes negativas de pessoas com menos de 60 anos frente ao idoso, relacionada principalmente com a crença da eterna juventude, ou seja, os sujeitos não-idosos representam o idoso de forma negativa por acreditarem que não se tornarão idosos um dia.

Na última ramificação, derivada da Classe 2, e constituída pelo agrupamento de classes que compõe a classe 1 (Desvalorização e incapacidade) e a classe 3 (Desrespeito) se destacaram representações relacionadas a imagem do ser idoso enquanto sujeito desvalorizado, de capacidade questionada e desrespeitado pela sociedade de forma geral, o que reitera que para os participantes há uma representação etarista do idoso.

Para uma compreensão mais clara das classes, elaborou-se um dendograma com as palavras de cada classe classificadas a partir das frequências em cada ST e do teste qui-quadrado. Nesse teste se sobressaem as definidoras que partilham vocabulário entre si e formas distintas das outras classes. Adiante serão descritas, operacionalizadas e exemplificadas cada uma dessas classes expostas na Classificação Hierárquica Descendente (ver Figura 2).

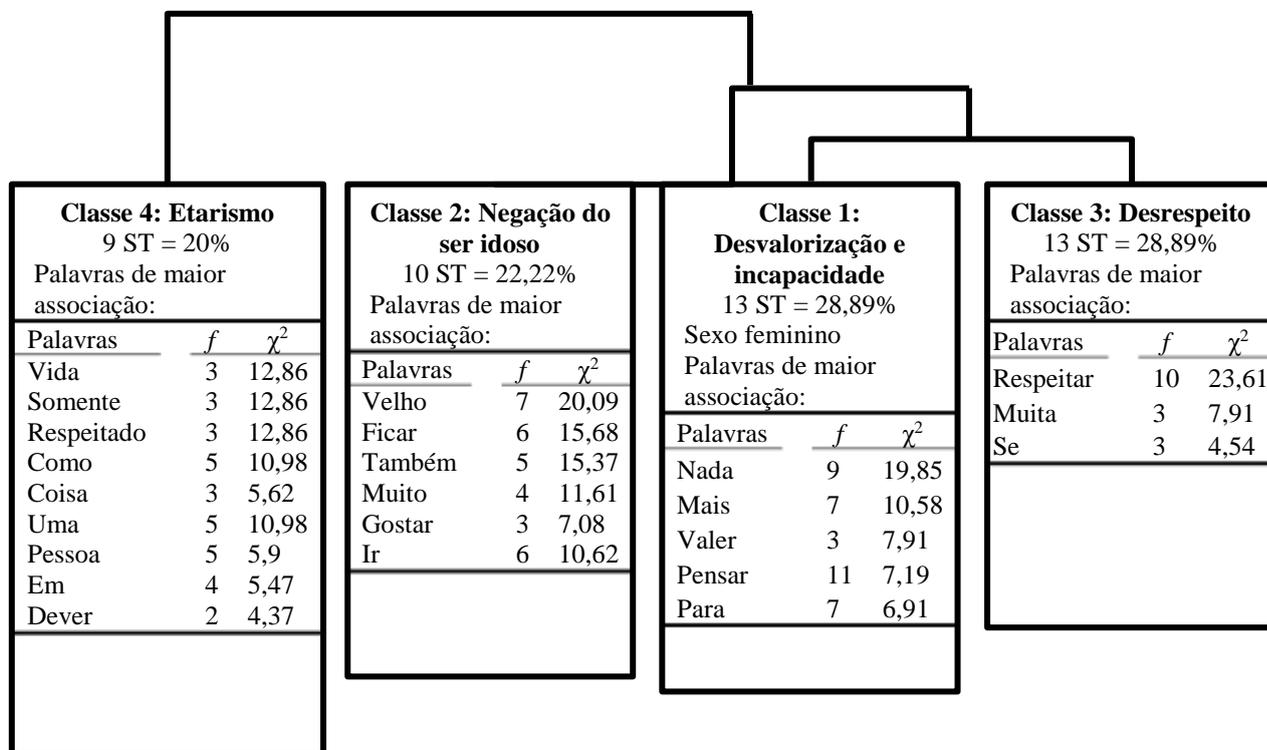


Figura 2. Dendrograma das RS de Idoso Atravessadas pelo Olhar de Não-idosos para longevos de GCI e Idosos Não-participantes de Grupos.

Classe 4: Etarismo

A atual classe, constituída pelos termos “vida”, “somente”, “respeitado”, “como”, “coisa”, “uma”, “pessoa”, “em” e “dever”, apresentou uma retenção de 20% do total de ST classificados (9 ST). Vale ressaltar que as três primeiras palavras expressaram maior valor de qui-quadrado na classe, ambas com qui-quadrado igual 12,86, o que sugere que estas são mais representativas na classe. Nessa classe nota-se uma RS de ser idoso a partir de uma perspectiva etarista, na qual, de acordo com o(a)s respondentes, o idoso para a sociedade é representado como uma pessoa sem vida e que é desrespeitado, como pode se constatar nos trechos subsequentes.

“Algumas pessoas discriminam o idoso, eles acham que a gente não tem mais vida. Não tem a gente como pessoa mais, as pessoas não gostam mais da gente” (Emília Bandeira de Melo, sexo feminino, 78 anos, casada, católica, grupo 2). “Vai pensar no idoso como um objeto qualquer. O idoso para eles é uma coisa do passado” (Euclides da Cunha, sexo masculino, 61 anos, casado, católico, grupo 1).

Conforme pode se observar nas falas supracitadas, ao ser idoso se é objetificado, sendo tratado como uma coisa, salientando sua incapacidade e a dependência de ajuda, o que reitera o quão é introjetado pelos respondentes essa visão estereotipada de ser idoso para a sociedade.

Classe 2: Negação do ser idoso

A Classe 2 foi responsável pela retenção de 10 dos 45 ST classificados no corpus textual (22,22%), sendo constituída pelas formas “velho”, “ficar”, “também”, “muito”, “gostar” e “ir”, de modo que a primeira foi a que apresentou maior força dentro da classe ($\chi^2 = 20,09$).

Dessa forma, a palavra “velho” assume o sentido de preconceito internalizado pelo(a)s idoso(a)s entrevistado(a)s, tendo em vista que é um termo pejorativo, geralmente utilizado por indivíduos não-idosos ao se referirem às pessoas com 60 anos ou mais. Além disso, o termo “ficar” apresenta o sentido de tornar-se, o que significa que para o(a)s respondentes, as pessoas não-idosas tem atitudes negativas frente aos idosos por acreditarem que continuarão sempre jovens. Para uma melhor compreensão da classe, apresentam-se os seguintes discursos.

“Muitos parecem que tem vergonha do idoso. Pensam que não vão ficar velho também” (Nelson Rodrigues, sexo masculino, 65 anos, casado, católico, grupo 1). “Eles não gostam dos idosos, debocham dos idosos. Pensam que não vão ficar velhos também” (Nísia Floresta, sexo feminino, 77 anos, viúva, católica, grupo 1).

Nesse sentido, constata-se que para esses idosos, aqueles indivíduos que ainda não possuem 60 anos possuem atitudes negativas frente aos idosos e demonstram comportamentos etaristas como uma forma de negar o ser idoso, assim se distanciando do futuro inevitável, tornar-se idoso.

Classe 1: Desvalorização e incapacidade

A classe 1, a qual se encontra em ramificação derivada da classe previamente citada, e circunscreve os vocábulos “nada”, “mais”, “valer”, “pensar” e “para”, reteve 13 ST (28,89% do total de ST classificados) sendo uma das classes de maior peso no dendograma. A presente classe manifesta em seu conteúdo representações ancoradas na desvalorização do ser idoso e objetivadas através da imagem de inutilidade em ser idoso. Destarte, os aspectos citados podem ser elucidados por meio dos enxertos a seguir.

“Pensam que o idoso não vale nada, que não faz mais nada, que não tem mais capacidade” (Dinah Silveira de Queiroz, sexo feminino, 66 anos, solteira, católica, grupo 1). “Pensam que o idoso não serve mais para nada, que a gente não tem mais nada para oferecer” (Jorge Amado, sexo masculino, 79 anos, casado, católico, grupo 1).

Sob essa perspectiva, para o(a)s idoso(a)s que participaram do estudo, o ser idoso é representado a partir da perspectiva da sociedade como uma pessoa desvalorizada e que tem sua capacidade subestimada. Conforme se observa no dendograma (ver Figura 2), a presente classe foi mais significativa para as idosas, ou seja, a imagem para a sociedade de ser idoso(a) é de uma pessoa que não tem serventia e que não é capaz.

Classe 3: Desrespeito

A presente classe, a qual se encontra na mesma ramificação da classe anterior (Desvalorização e incapacidade), foi uma das classes com maior força dentro do corpus textual, sendo responsável por 28,89% do total de ST classificados (13 ST) apesar de ter apresentado menor número de termos retidos (três palavras) dentro do corpus geral.

Dentre as palavras apresentadas pela classe no dendograma, o vocábulo “respeitar” foi o que apresentou maior força dentro da classe ($\chi^2 = 23,61$). Esta classe apresenta relação de proximidade com a classe 1, visto que apresenta em seu conteúdo a RS de ser idoso por parte do(a)s participantes em relação a como o idoso é visto pelas pessoas com menos de 60 anos como um sujeito marcado pelo desrespeito, isto é, ser idoso é representar um indivíduo não respeitado pela sociedade. Com o propósito de proporcionar maior compreensão do conteúdo da classe referida, apresentam-se os seguintes discursos.

“Tem muitos que não respeitam o idoso. Humilham a gente” (Machado de Assis, sexo masculino, 72 anos, casado, evangélico, grupo 1). “Tem muita gente que tira os direitos do idoso. Não respeitam o idoso” (Gonçalves Dias, sexo masculino, 78 anos, casado, católico, grupo 2).

É interessante destacar que não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos investigados, o que denota que a RS do ser idoso atravessada pela perspectiva de não-idosos é comum aos respondentes, o que sugere que para estes há uma representação negativa do idoso construída pela sociedade.

Ao se comparar os resultados obtidos, percebe-se que há uma possível zona muda das representações sociais, por vista que ao se representar o sujeito idoso sob a própria perspectiva há um destaque maior para elementos positivos do ser idoso. Enquanto, ao se representar o idoso a

partir de como estes participantes imaginam que ser idoso é visto pela sociedade se sobressaem aspectos negativos de cunho etaristas. Com efeito, isso denota que duas representações sociais distintas de ser idoso se sobressaem: uma explícita, marcada pelo grupo de pertença e pela experiência própria enquanto sujeitos idosos; e outra implícita, caracterizada pela internalização dos estereótipos etaristas.

Discussão

Para Locatelli (2017), o envelhecimento representa para cada pessoa um processo sociocultural que depende da visão filosófica e valores sociais e emocionais de cada sociedade. A partir disso, no presente estudo, a representação social constatada sobre idosos em grupo de convivência tem sido positiva, apresentando-se como um objeto social que simboliza respeito e graça divina por alcançar determinada idade. Destacando-se o vocábulo “Deus” e “Ficar”, evidencia a religiosidade como valor significativo na construção do ser idoso.

Segundo Mantovani, Lucca e Neri (2016), a velhice é marcada por um processo de busca por autoconhecimento e investimento espiritual, onde a religiosidade apresenta-se como um suporte para desafios e enfrentamentos diários como eventos estressores e perdas, além de apoio e desenvolvimento emocional. Com isso, pode sentir-se valorizado, respeitado e acolhido nesta fase que requer preocupação com saúde física e mental.

Nesse sentido, é interessante ressaltar a divergência de ideias acerca da representação entre idosos que participam dos GCI e de não participantes. Vale destacar que idosos participantes de GCI salientaram mais aspectos positivos sobre as RS de ser idoso e demonstraram uma aceitação maior sobre o envelhecimento e questões referentes a esse processo, indicando um bom relacionamento consigo mesmo. Contraposto a isso, para o segundo conjunto, idosos que não participam de grupo de convivência, a classe que se sobressaiu foi a referente à finitude que acomete a vida do idoso, valorizando concepções de que estes indivíduos estão no estágio final e sem muitas expectativas de futuro para aqueles acima de 60 anos. Para Araújo et al. (2013), embora a finitude exista desde o nascimento, a associação dela ao idoso se dá porque neste momento da vida do sujeito há perdas que acometem o idoso, como amigos, familiares, força física, entre outros.

Alinhada a esta concepção de finitude, a classe 5 (longevidade) está relacionada a classe anteriormente citada, ratificando a ideia de que o idoso é o sujeito que já viveu demais e está próximo do fim. Conforme afirmam Portella e Gatti (2016), o indivíduo para ter uma autoestima boa tem que ter dois fatores que se interligam: a autoimagem e autoconceito. O idoso tendo uma boa avaliação sobre si mesmo e a influência do ambiente como um fator primordial, acarreta

resultados bastante positivos no que diz respeito a sua percepção de como se vê no mundo. Dessa maneira, os GCI têm se tornado excelentes oportunidades de o idoso construir laços afetivos, sociais, além de uma boa relação consigo mesmo.

É de suma importância evidenciar também que no segundo dendograma, ao contrário do anterior, ambos os grupos concordam no que se refere à representação social perpassada pelo olhar de não-idosos, descrevendo aspectos negativos, que até se contrapõem às RS descritas no dendograma 1, caracterizando uma zona muda das representações.

Este termo foi cunhado por Abric para se referir às expressões retidas no discurso dos indivíduos a respeito de alguma representação social (Castro, Giacomozzi & Camargo, 2018). Consoante a isso, para Menin (2006), a zona muda pode ser descrita como partes de representações que determinado grupo possui sobre algum objeto ou fenômeno, mas que não são expostos diretamente nos discursos, principalmente em questionários de pesquisa, devido às normas sociais. Desse modo, os indivíduos escolheriam as partes da representação de determinado objeto que melhor se adequassem às normas vigentes do contexto em que eles se encontram, buscando oferecer a melhor resposta esperada.

Menin (2006) afirma que os elementos da zona muda se apresentam nas mudanças da representação que determinado grupo possui ao emergirem em situação de substituição ou descontextualização normativa. Ainda para a autora, dentre as explicações possíveis, adequação, transparência e influência, é perceptível uma mudança quando um grupo fala por si e fala por outros, podendo revelar, assim, o efeito da adequação aos discursos considerados corretos dentro das normas sociais.

Este fenômeno de transformação da representação social pode ser observado nesta pesquisa, na qual os grupos de idosos, ao serem questionados sobre a representação de ser idoso, destacaram elementos mais positivos, contudo ao descreverem a representação social de ser idoso no olhar de não-idosos, elencaram pontos negativos.

Embora no primeiro dendograma se vejam afirmações que idosos são pessoas respeitadas, no segundo o “Desrespeito” aparece como uma das classes destacadas pelos grupos, ao falarem de humilhações e rebaixamentos que já registraram. Para Guerra e Caldas (2010), isso se dá pela visão preconceituosa que ainda existe sobre idosos e a velhice, muitas vezes relacionados à deterioração mental e física, a incapacidade, dependência, entre outros.

No que corresponde à representação do ser idoso atravessada pela visão de não-idosos, a classe destaca-se na questão do “Etarismo”, classe 4, na qual o ser idoso assemelha-se a ideia de última etapa do indivíduo, fim da vida, na qual o sujeito já não possui muita função. Tais concepções

se desenvolvem à medida que a sociedade elabora modelos verdadeiros do que é velhice e os desafios sociais postos aos indivíduos (Cerqueira, 2017). A partir desse entendimento, idosos são, muitas vezes, vistos como sujeitos que estão em constantes perdas, sejam elas corporais, como agilidade ou resistência, sejam elas relacionados à sua capacidade e funcionalidade como sujeito social (Araújo, Sá & Amaral, 2011).

Dessa maneira, Farias, Santos e Patiño (2017) consideram que as sociedades têm inúmeras formas de enxergar e compreender a velhice, apresentando distinções em relação às representações sociais em que o indivíduo se encontra. Para Elias (2001), as identidades negativas sobre a velhice na sociedade contemporânea advêm de um panorama biológico e social, onde o primeiro surge através da ascensão da medicina social, cujo predomínio é de um pensamento de tudo que não estiver dentro da normalidade será considerado um desvio, normalidade essa, percebida como comportamentos de cunho proativo, desempenho e performance. Já o segundo surge de um cenário social em que se configura a partir de uma visão de fragilidade sobre o idoso, pois por mais autônomo esse idoso possa a vir ser, ainda sim, apresentará limitações de locomoção, relacionamentos e convívio.

Nesse sentido, observa-se que a sociedade contemporânea desenvolve cada vez mais, a intensificação de estilo de vida jovem, que tem como uma de suas consequências a introjeção de uma negatividade à velhice marcada pela desvalorização e preconceito social de indivíduos que tiveram uma longa vida (Cerqueira, 2017). Isso se revela ao notar as classes posteriores, caracterizada por palavras desprestigiadas, que indicam uma representação negativa de ser idoso, marcada principalmente por doenças, incapacidades e a abnegação em se tornar idoso.

Além disso, vale destacar que a representação social de ser idoso implícita encontrada no presente estudo não se depara apenas de forma etarista, mas também sexista e gerofóbica, como ocorre na classe 1 (Desvalorização e incapacidade), e que foi mais representativa das mulheres idosas. Pois as mulheres idosas sofrem dificuldades e desafios acerca de crenças sexistas que refletem na sua qualidade de vida, através da discriminação para com a mulher idosa que está intimamente ligada a lógica do sistema patriarcal de que as mulheres valem na medida em que são atrativas e úteis ao homem (Salgado, 2002).

Para Simone de Beauvoir (2016), o corpo da mulher é definido como objeto, pois a menina é direcionada a permanecer determinada pelo olhar alheio e o menino é direcionado a transcender a essa situação. A partir disso, a formação da mulher ocorre por meio dos significados que são atribuídos ao seu corpo, como também ao seu papel esperado na sociedade sendo o mesmo.

Através dessa concepção, o corpo da mulher torna-se um capital físico, econômico e social, no qual envelhecer significa a perda inadmissível das correspondências aos padrões sociais estabelecidos (Oliva, 2014). A partir disso, a percepção tanto do idoso quanto do não-idoso em relação a velhice são negativas, mas com ênfase no sexo feminino significando o poder que emana do patriarcado.

Conclusões

O presente estudo abordou as representações sociais de ser idoso a partir de duas perspectivas: a primeira, sob uma perspectiva mais próxima, ou seja, a partir do próprio grupo de pertença; e a segunda, mediante uma perspectiva distanciada, isto é, atravessada pela perspectiva de terceiros. A partir desses deslocamentos representacionais observou-se algumas contradições em relação ao mesmo objeto representacional (idoso) para os dois grupos de idosos.

Nesse aspecto, a partilha de aspectos mais positivos sobre ser idoso são observados dentre o(a)s idoso(a)s participantes, por mais que algumas diferenças fossem encontradas entre os grupos; já ao representarem ser idoso como a sociedade os enxerga emergiram conteúdos majoritariamente negativos para ambos. Portanto, evidencia-se que a imagem construída pela sociedade ainda exerce uma grande influência sobre as RS construídas por idosos, o que sugere que essas RS negativas podem ter sido introjetadas em períodos anteriores a velhice e se cristalizaram, e que apesar de um maior empoderamento aos idosos (principalmente nos GCI), e de uma visão mais aberta acerca da velhice, ser idoso ainda é marcado pelo estigma.

Vale destacar que por se tratar de uma pesquisa com amostra não-probabilística por conveniência, o presente estudo não permite a generalização dos resultados para todos o(a)s idoso(a)s. Ademais, a presente pesquisa apresentou um delineamento que não permitiu estabelecer uma relação de causa e efeito a partir das RS apreendidas e as variáveis investigadas. Entretanto, espera-se que os achados possam contribuir para o conhecimento das RS de ser idoso e suas zonas mudas, assim como incentivar o aprimoramento de políticas públicas de promoção e prevenção de saúde direcionadas a esse grupo populacional.

Não obstante, recomenda-se que sejam realizados novos estudos entre idosos em diferentes contextos sociais, culturais e familiares e que adotem outras metodologias da TRS a fim de investigar de forma mais aprofundada a zona muda das representações sociais, a fim de corroborar ou confrontar os dados apresentados na presente investigação.

Referências

- Amthauer, C., & Falk, J. W. (2017). Discurso dos profissionais de saúde da família na ótica da assistência à saúde do idoso. *Revista Fundamental Care*, 9(1), 99-05. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2017>
- Araújo, C. D. C. R. D., Guimarães, A. C. D. A., Meyer, C., Boing, L., ..., & Parcias, S. R. (2013). Influência da idade na percepção de finitude e qualidade de vida. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18, 2497-2505. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900003>
- Araújo, L. F., & Carlos, K. P. T. (2018). Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 8(1), 218-237. <https://doi.org/10.26864/pcs.v8.n1.10>
- Araújo, L. F., Sá, E. C. N., & Amaral, E. B. (2011). Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 31(3), 468-481. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300004>
- Beauvoir, S. (2016). *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Brito, A. M. M., Camargo, B. V., & Castro, A. (2017). Representação social de velhice e boa velhice entre idosos e sua rede social. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(1), 5-21. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.1416>
- Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2016). *Tutorial para uso do software de análise textual IRaMuTeQ*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS).
- Castro, A., Giacomozzi, A. I., & Camargo, B. V. (2018). Representações sociais, zona muda e práticas sociais femininas sobre envelhecimento e rejuvenescimento. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 9(2), 58-77. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2018v9n2p58>
- Cerqueira, M. B. (2017). Míticas do envelhecimento: em busca de uma vida saudável. *Ciências Sociais Unisinos*, 53(1), 148-157. <https://doi.org/10.4013/csu.2017.53.1.15>
- Coutrim, R. M. E. (2006). Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 9(3), 67-88. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2006.09036>
- Dawalibi, N., Goulart, R., & Prearo, L. (2014). Fatores relacionados à qualidade de vida de idosos em programas para a terceira idade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8), 3505-3512. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014198.21242013>
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- Farias, L., Santos, L. A. C., & Patiño, R. A. (2017). A fenomenologia do envelhecer e da morte na perspectiva de Norbert Elias. *Cadernos de Saúde Pública*, 33. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00068217>
- Fernandes, J. S. G., & Andrade, M. S. (2016). Representações sociais de idosos sobre velhice. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(2), 48-59. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200005
- Guerra, A. C. L. C., & Caldas, C. P. (2010). Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(6), 2931-2940. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000600031>

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2019). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2019. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnadcontinua.html?=&t=publicacoes>
- Mantovani, E. P., Lucca, S. R. D., & Neri, A. L. (2016). Associações entre significados de velhice e bem-estar subjetivo indicado por satisfação em idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(2), 203-222. <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150041>
- Menin, M. S. D. S. (2006). Representação social e estereótipo: A zona muda das representações sociais. *Psicologia Teoria Pesquisa*, 22(1), 43-52. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000100006>
- Morera, J. A. C., Padilha, M. I., Silva, D. G. V., & Sapag. (2015). Theoretical and methodological aspects of social representations. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 24(4), 1157-1165. <https://doi.org/10.1590/0104-0707201500003440014>
- Oliva, J. (2014). O Outro a partir da corporeidade: a importância do corpo na situação da mulher em O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir. *Sapere Aude*, 5(9), 267-286. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/7559/6665>
- Salgado, A. G. A. T., Araújo, L. F., Santos, J. V. O., Jesus, L. A., Fonseca, L. K. S., & Sampaio, D. S. (2017). Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. *Ciencias Psicológicas*, 11(2), 155-163. <https://doi.org/10.22235/cp.v11i2.1487>
- Salgado, C. D. S. (2002). Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 4, 7-19. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.4716>
- Santos, S. S. C. (2010). Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 63(6), 1035-1039. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000600025>
- Saraiva, E. R. A., & Coutinho, M. P. L. (2012). A difusão da violência contra idosos: um olhar psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 112-121. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000100013>
- Silva, J. A., & Silva, E. L. d. (2017). Contribuições gramscianas sobre raça, identidade cultural e velhice na perspectiva de Stuart Hall. *Revista Katálysis*, 20(1), 95-102. <https://doi.org/10.1590/1414-49802017.00100011>
- Wachelke, J. F. R., & Camargo, B. V. (2007). Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Interamerican Journal of Psychology*, 41(3), 379-390. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902007000300013&lng=pt&tlng=pt

THE SOCIAL CONSTRUCTION OF BEING ELDERLY: THE MUTE ZONE OF SOCIAL REPRESENTATIONS

Abstract

The objective was to identify and compare the Social Representations of being elderly and how people see the elderly constructed by elderly people who participate in living groups (group 1) and elderly non-participants (group 2). The participants were 60 elderly matched by sex. A sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview were used. These interviews were processed by IRaMuTeQ software. It was found that the elderly shared more positive aspects about being elderly, even though there were small differences between the groups. However, when representing the elderly as society sees them, mainly negative contents emerged for both. Therefore, it's concluded that the image constructed by society about being elderly still exerts great weight on the representations constructed by the elderly.

Keywords: Social Representations; Mute Zone; Elderly